



O argentino Brodersohn chega à Fazenda: antes e depois, silêncio

Divida

BC avisa que pagará juro do curto prazo

Tudo bem. Não há saída. Os bancos credores querem reescalonar a dívida brasileira. Mas, afinal, o que o Brasil quer para levantar a moratória? Essa colocação domina os contatos dos banqueiros internacionais com o Banco Central, que não tem resposta. Tudo vai depender das conversações que o diretor para assuntos da dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, mantém, até o final da semana, em Nova Iorque, e do relatório que ele fará ao ministro da Fazenda, Dilon Funaro, e ao presidente do BC, Francisco Góes.

O Banco Central enviou, na segunda-feira, telex aos bancos credores para esclarecer que a suspensão do pagamento de juros não atinge as linhas de curto prazo, interbancárias (US\$ 5,6 bilhões) e comerciais (US\$ 9 bilhões), mas não quis informar o seu texto integral. O telex nº 043 do Banco Central parece que surtiu efeito. O vice-presidente de operações internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, informou que ontem foi "um dia ótimo" para o BC.

Através da assessoria de imprensa do banco, Moura da Silva afirmou que, ontem, todas as linhas de crédito de curto prazo foram renovadas e "quatro importantes bancos norte-americanos" também rolaram suas aplicações, após hesitarem desde a última sexta-feira. Segundo o vice-presidente do BB, os credores externos ainda buscam assimilar os termos da moratória, "mas ontem foi

um dia melhor que a véspera".

Os bancos credores manifestam ao Banco Central a intenção de renegociar a dívida e conceder algum dinheiro novo para levantar a moratória, desde que o Brasil apresente propostas sensatas. Para avaliar as necessidades brasileiras, o chefe do subcomitê de economia do comitê de assessoramento dos bancos credores, Douglas Smee, retorna hoje a Nova Iorque com os indicadores da economia do País, após encerrar dois dias de trabalho no departamento econômico do Banco Central.

Smee veio conferir se de fato o Brasil possui US\$ 3,9 bilhões de reservas cambiais, conforme afirmou, na sexta-feira, o presidente José Sarney. Os credores duvidam, mas torcem para que essas reservas existam, o que reduziria a necessidade brasileira de dinheiro novo para o fechamento de contas externas deste ano a US\$ 3 bilhões dos bancos privados, e mais US\$ 2,3 bilhões dos organismos internacionais e agências do governo.

Mantidos fora da suspensão do pagamento de juros, os órgãos oficiais dos países industrializados começam a conceder novos financiamentos ao Brasil, após o acordo de janeiro último com o Clube de Paris. O ministro do Comércio Exterior da Itália, Rino Formica, assegurou a liberação de US\$ 20 milhões de financiamento a importações brasileiras.